# Robert W. Burtner e Robert E. Chiles - Coletânea da Teologia de João Wesley - VI - Salvação - 1. Natureza Geral da Salvação




Categoria: Robert W. Burtner e Robert E. Chiles - Coletânea da Teologia de João Wesley *
Publicado: Segunda, 14 Julho 2014 14:29
Acessos: 1803


**1 – Natureza Geral da Salvação**

A salvação começa com o que éusualmente chamado de maneira muito adequada de *graça preveniente*, incluindo o primeiro desejo de agradar a Deus, a primeira aurora de luz referente à sua vontade e a primeira convicção leve e passageira de ter pecado contra Ele. Tudo isto implica em alguma tendência para a vida, algum grau de salvação, o começo da libertação de um coração cego e totalmente insensível a Deus e às suas coisas. A salvação se realiza através da *graça convencedora* usualmente chamada nas Escrituras de *arrependimento*, que traz maior quantidade de conhecimento próprio e libertação ulterior do coração de pedra. Depois experimentamos a salvação propriamente cristã, pela qual, "através da graça", "somos salvos pela fé", consistindo isto de dois grandes ramos – a justificação ea santificação. Pela justificação somos salvos da culpa do pecado e restaurados ao favor de Deus; pela santificação somos salvos do poder e da raiz do pecado e restaurados à imagem de Deus. Toda a experiência bem como a Escritura mostram que esta salvação é instantânea e gradual. Começa no momento em que somos justificados no santo, humilde, manso e paciente amor de Deus e do homem. Desse momento em diante ela gradualmente se desenvolve como "um grão de mostarda que a princípio é a menor de todas as sementes", mas depois lança grandes ramos e se torna uma grande árvore, até que num outro instate o coração épurificado de todo o pecado e cheio de puro amor de Deus e do homem. Mas mesmo esse amor se desenvolve mais e mais até que "cresçamos em tudo para Ele, que é a nossa cabeça", até que atinjamos a "medida da estatura da plenitude de Cristo".

*Sermões: "Sobre a realização da nossa própria salvação", II, 1 (J, VI, 509).*

[O clero que discorda da Igreja da Inglaterra] fala da justificação, ora como a própria santificação ora como consequência desta. Creio que a justificação seja inteiramente distinta da santificação e necessariamente a antecede.

Outrossim diz serem a nossa própria santidade e as nossas boas obras a causa da nossa justificação ou que por causa delas somos justificados perante a Deus. Não creio que sejam parte alguma da causa da nossa justificação, mas que a morte e a justiça de Cristo sejam a causa total e única da mesma, ou que por causa delas somos justificados perante a Deus.

Esses ministros fazem das boas obras a condição da justificação, necessariamente anteriores a ela. Creio que nenhuma boa obra pode preceder a justificação e, consequentemente, seja condição da mesma, mas que somos justificados (sendo até àquela hora ímpios e, portanto, incapazes da prática de qualquer boa obra) somente pela fé, sem obras, fé (embora praticando todas) que não inclui boa obra.

Fala da santificação ou de santidade como sendo uma coisa exterior, consistindo principalmente, senão totalmente, daqueles dois pontos: 1) não prejudicar os outros, 2) fazer o bem (como é chamado), isto é, o uso dos meios de graça e o auxílio ao próximo. Creio nela como coisa interna, especialmente a vida de Deus na alma do homem, uma participação da natureza divina; a mente que houve em Cristo, ou a renovação do nosso coração segundo a imagem daquele que nos criou.

Fala do novo nascimento como coisa exterior, sendo nada mais do que o batismo; ou, no máximo, mudança de impiedade externa em bondade exterior, do vício à chamada vida virtuosa. Creio seja ele interior, mudança da impiedade interna em bondade interior; mudança completa da nossa natureza mais íntima, da imagem do diabo (na qual nascemos) à imagem de Deus; mudança do amor da criatura para o amor do Criador; das afeições terrestres e sensuais para as celestes e santas; numa palavra, mudança dos sentimentos do espírito de trevas para as coisas dos anjos nos céus.

Há portanto, uma diferença grande, essencial, fundamental e irreconciliável entre nós, de modo que, se eles dizem a verdade tal qual ela está em Jesus, sou falsa testemunha perante Deus; mas se eu ensino o caminho de Deus em verdade, eles são cegos guias dos cegos.

*Diário: "Quinta-feira, 13 de setembro de 1739" (II, 275-76).*

Sejam quais foram as outras implicações da salvação pela fé, ela é uma salvação presente. É alguma coisa atingível, sim, atualmente alcançável na terra por aqueles que são participantes desta fé. Pois assim disse o Apóstolo aos crentes de Éfeso, e por eles a todos os crentes de todos os tempos, não que *vós sereis* (embora isso seja também verdade) mas "*vós sois salvos* pela fé".

*Vós sois salvos*, enfeixando todos numa palavra, do pecado. Está é a grande salvação predita pelo anjo antes de Deus fazer vir ao mundo o seu unigênito Filho: "Chamarás o seu nome Jesus, pois Ele salvará o seu povo dos seus pecados". Nem nesta nem em nenhuma outra parte do Sagrado Escrito há qualquer limitação ou restrição. "Ele salvará dos seus pecados" todos os que creem nele, do pecado original e do atual, do passado e do presente, da "carne e do espírito". Eles são salvos tanto da culpa como do poder do pecado pela fé.

Primeiramente, da culpa de todo pecado passado, pois, visto que todo o mundo é culpado diante de Deus a ponto de ele "usar medidas drásticas contra os erros praticados, ninguém podia suportá-lo", e visto que "pela lei só há o conhecimento do pecado" e não a libertação do mesmo, de modo que "pelo cumprimento da lei nenhuma carne pode ser justificada à sua vista", "a justiça de Deus pela fé em Jesus Cristo é manifesta a todos os que creem". Agora "são justificados gratuitamente pela sua graça através da redenção em Jesus Cristo". "Ele, Deus, entregou-se para propiciação pela fé em seu sangue, para declarar a sua justiça para a remissão dos pecados passados". Cristo levou a "maldição da lei, sendo feito maldição por nós". "Apagou a escrita que existia contra nós, tirando-a do nosso caminho, pregando-a na sua cruz". "Não há, portanto, condenação para aqueles que creem em Cristo Jesus".

Sendo salvos da culpa, são salvos do temor. Não de um temor filial de ofender, mas de todo temor servil; daquele que atormenta; do temor do castigo; do temor da ira de Deus, a quem agora não mais têm como senhor severo, mas como Pai indulgente. "Eles não receberam de novo o espírito de servidão, mas o de adoção pelo qual eles o clamam: Abba, Pai; dando o mesmo espírito testemunho com o seu espírito de que são filhos de Deus". São, também, salvos do temor, embora não da possibilidade de caírem da graça de Deus e privarem-se das grandes e preciosas promessas. São selados com o Santo Espírito da Promessa que é a garantia da sua herança – (Ef. 1:13). Assim têm eles "paz com Deus através de nosso Senhor Jesus Cristo. Regozijam-se na esperança da glória de Deus. E o amor de Deus é derramado abundantemente em seus corações através do Espírito Santo que lhes é dado". São assim persuadidos, embora não constantemente ou com o mesmo grau de persuasão, de que "nem a morte, nem a vida, nem as coisas presentes, nem as futuras, nem a altura, nem a profundidade, nem qualquer outra criatura, será capaz de separá-los do amor de Deus que é em Cristo Jesus nosso Senhor".

Através dessa fé são salvos do poder e da culpa do pecado. Assim o Apóstolo declara: "Sabeis que Ele se manifestou para tirar os nossos pecados, e nele não há pecado. Todo aquele que vive nele não peca" – 1João 3:5 e contextos. "Filhinhos, ninguém vos engane. Aquele que comete pecado é do diabo. Todo aquele que crê é nascido de Deus. E todo aquele que é nascido de Deus não comete pecado, pois a sua semente permanece nele e não pode pecar, porque é nascido de Deus". Ainda mais: "Nós sabemos que todo aquele que é nascido de Deus não peca, mas aquele que é gerado de Deus guarda-se a si mesmo e o ímpio não pode tocá-lo" – 1João 5:18.

O que é nascido de Deus pela fé não comete 1) qualquer pecado habitual, pois o pecado habitual é o pecado reinando, mas o pecado não pode reinar naquele que crê; 2) pecado voluntário, pois a sua vontade, enquanto ele vive na fé, é contra todo pecado e o aborrece como veneno mortal; 3) desejo pecaminoso, pois continuamente deseja a santa e perfeita vontade de Deus, e mata no seu nascimento, pela graça de Deus, toda a tendência para qualquer desejo impuro; 4) pecado por hábitos doentios, quer por atos, palavras ou pensamentos, pois as suas fraquezas não têm o auxílio da sua vontade, e sem isto eles não são propriamente pecados. Deste modo, "aquele que énascido de Deus não comete pecado", e embora não possa dizer que não pecou, agora ele "não peca".

É esta, então, a salvação que épela fé, mesmo no mundo presente; uma salvação do pecado e das suas consequências, ato esse frequentemente expresso pela palavra *justificação* que, tomada no seu sentido mais amplo, implica uma libertação da culpa e do castigo pela expiação de Cristo atualmente aplicada à alma do pecador que agora crê nele, e uma libertação de todo pecado corporal através de Cristo *formado em seu coração*. De modo que aquele que assim é justificado ou salvo pela fé, érealmente *nascido de novo*. É *novamente nascido do espírito* para uma nova vida que "está escondida com Cristo em Deus". É uma nova criatura, as coisas velhas passaram-se; nele todas as coisas se tornaram novas. E como uma criança de novo nascida, ele alegremente recebe o *adolon*, "leite *sincero* da palavra e cresce por ele", continuando no poder do Senhor seu Deus, de fé em fé, de graça em graça, até que afinal "se torne um homem perfeito, à medida da estatura da plenitude de Cristo".

*Sermões: "Salvação pela fé", II, 1-7 (S, I, 41-45).*